

ABC DO HABITAR: NARRATIVAS COMPARTILHADAS POR UMA CIDADE EDUCATIVA

Guilherme Rodrigues Bruno¹, Clarisse Hammes Perinazzo²

Resumo:

Este trabalho apresenta uma prática educativa emancipatória, que se trata de um texto construído coletivamente por alunos do sexto ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal, a partir da problematização sobre o “Habitar”, tendo como princípio a relação dialógica entre educadores / estudantes de arquitetura e educandos do ensino fundamental em um dos cinco encontros desenvolvidos por meio do Projeto de Extensão da Universidade Federal Fronteira Sul *ABC do Habitar*. O projeto tem por objetivo promover a desnaturalização do modo de vida urbano, enquanto ação pedagógica voltada à apropriação construtiva e consciente do espaço. Com a pretensão de estender à sociedade o conhecimento e a experimentação urbana e arquitetônica, é desenvolvido ao longo de quatorze meses, de 1º de abril de 2015 até julho de 2016, abrangendo 12 turmas de 4º a 9º ano das redes pública e privada de ensino da cidade de Erechim (RS).

O texto coletivo, ora apresentado, é amostra do resultado da ação amorosa, da boniteza do ato de ensinar, da educação humanizadora, do respeito aos diferentes saberes dos educandos pela coordenação, estudantes voluntários e bolsista e colaboradores do projeto. Como dizia Paulo Freire, “Para o educador humanista ou o revolucionário autêntico, a incidência da ação é a realidade a ser transformada por eles com os outros homens e não estes.” (FREIRE, 1987, p.84)

Palavras Chave: Urbanismo, prática educativa, educação humanizadora.

¹ Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, Coordenador do Projeto, Professor assistente do curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Fronteira Sul, guilherme.bruno@uffs.edu.br

² Pedagoga, Colaboradora do Projeto, Técnica Administrativa do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, email: abcdohabitar@gmail.com.

1. Introdução

O Projeto de Extensão ABC do Habitar se constitui numa iniciativa de alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFFS que, diante de suas próprias dificuldades em lidar com os métodos e atividades das disciplinas de Projeto Arquitetônico e Urbanístico, identificaram a necessidade de compartilhá-los com as instituições de Ensino Fundamental, com o objetivo de múltiplo de promover uma experiência pedagógica original, despertar desejos e aspirações vocacionais específicos em crianças e adolescentes e, por fim, atenuar o processo de inadaptção ao qual eles mesmos se viram sujeitos ao ingressar no Curso de Arquitetura e Urbanismo.

Em contato com o professor escolhido para coordenar o projeto, este, por sua vez, identificou como potencial socioeducativo da proposta o trato do fenômeno de migração urbana, fortemente incidente na região do Alto Uruguai gaúcho, onde está localizada a cidade de Erechim, sede do Curso de Arquitetura da UFFS, o que gera problemas de adaptação urbana, incidentes principalmente sobre a vida dos trabalhadores oriundos de lugares com configuração morfológica completamente diversa, juntamente com suas famílias: meio rural, cidades menores, cidades maiores, aldeias indígenas etc. Salvo raras exceções, todos acabam por se instalar em bairros periféricos e matriculam seus filhos nas escolas locais, da rede pública municipal.

Outras entidades também fazem essa acolhida, do ponto de vista educativo e cultural, mas nenhuma delas, tampouco as escolas, dão conta da tarefa de educar as crianças (e por transmissão, seus pais) para a vida na cidade. Oferecer uma possibilidade de significado à instável paisagem que essas comunidade de crianças vislumbra desde seu nascimento, é uma tarefa social normalmente negligenciada pelas práticas habituais, justamente por ser considerado um fenômeno “natural”, que escapa ao alcance do poder escolar. No entanto as próprias Diretrizes Curriculares nacionais cobram atenção a este tema transversal (assim como a outros tantos), mas sua complexidade e falta de referências faz com que seja limitado à segurança no trânsito e cuidados com o meio ambiente, por exemplo.

As mudanças na paisagem urbana afetam os moradores antigos e recentes em aspectos fundamentais, mas que os próprios não conseguem aperceber, dado o processo de naturalização desta paisagem, a que estão submetidos. Ao mesmo tempo o meio social que aí vai se formando é ativo no que se refere à conformação morfológica do espaço urbano. Ativo, porém inconsciente e, porque não dizer, alienado de sua própria cidadania. Desenraizado em um novo território e arrastado pela própria novidade, quais as chances desse morador, adulto,

transmitir aos seus descendentes os instrumentos para uma relação eficaz com a cidade, onde essas crianças estejam a salvo dos riscos e atentos às oportunidades que a mesma oferece?

A premissa com a qual este projeto trabalha é de que o ambiente escolar pode e deve proporcionar experiências e saberes a partir dos quais os estudantes percebam o espaço com os sentidos, criando imagens e relações entre os elementos urbanos, o que ajudaria na formação de sua cidadania, a partir uma base fenomênica / experimental, a ser aperfeiçoada e consolidada com o passar do tempo. Assim, seu objetivo é promover a desnaturalização do modo de vida urbano, enquanto ação pedagógica voltada à apropriação construtiva e consciente do espaço da “cidade que se alonga em educativa” (FREIRE, 2001, p.11), por estudantes da rede de ensino fundamental da cidade de Erechim (RS).

2. Discussão

A importância do ambiente escolar na configuração morfológica da paisagem urbana não é uma preocupação nova. Pelo menos no campo teórico a temática é sugerida desde o início do século XX, inicialmente no clássico *Cidades jardins do amanhã*, do urbanista autodidata inglês Ebenezer HOWARD (1996) e em seguida aperfeiçoada por Clarence Arthur PERRY (1939), que escreve o menos conhecido *Housing for machine age*, onde estabelece as diretrizes básicas da Unidade de Vizinhança, proposição segundo a qual a menor porção administrativa do espaço urbano de uma cidade, deveria ser definida pela distância percorrida a pé por uma criança e sua mãe da casa até a escola primária, o que daria uma circunferência de aproximadamente 2 km de diâmetro, com centro irradiador na escola do bairro.

Na atualidade, ao passo em que o urbanista brasileiro Celso FERRARI (1991) ainda preconizava a validade dessa solução nos idos da década de 1990, através de seu *Curso de planejamento municipal integrado*, seu colega inglês Peter HALL (2011) no livro *Cidades do amanhã*, alertava para os riscos de segregação social advindos do modelo (degeneração em guetos e enclaves étnicos, no lugar das sonhadas “unidades de vizinhança”), usando como estudo de caso sua aplicação conflituosa em bairros com população predominantemente afrodescendente, em grandes cidades estadunidenses.

Resta a impressão de que, por um lado, os educadores (e arquitetos especializados em ambientes de ensino) apesar de atualmente manifestarem clara preocupação com o ambiente escolar, raramente transcendem a noção de seus limites para além dos muros (ou grades, telas, vidros...) da escola. Por outro lado, os urbanistas, salvo orientação de alguma política pública específica, fazem uso meramente normativo das escolas enquanto centros de suas chamadas

“unidades de vizinhança”. Aproximar as duas posturas, abrindo oportunidades para novas sínteses da relação escola-cidade é a contribuição do Projeto de Extensão *ABC do Habitar* no campo teórico, para o qual contribuí decisivamente o aporte teórico freireano, em especial o presente no artigo *Educação permanente e as cidades educativas*, de novembro de 1992, onde o mesmo reflete sobre o papel das cidades: “Em face, finalmente, das relações entre educação, enquanto processo permanente e a vida das cidades, enquanto contextos que não apenas acolhem a prática educativa, como prática social, mas também se constituem, através de suas múltiplas atividades, em contextos educativos em si mesmas.” (FREIRE, 2001, p. 11).

Mais a frente, no mesmo artigo, Paulo Freire explicita sua formulação quanto à relação dialógica entre o sujeito e a cidade, em termos que começam a definir os propósitos da atividade que passará a ser descrita a seguir:

Os conteúdos, os objetivos, os métodos, os processos, os instrumentos tecnológicos a serviço da educação permanente, estes sim, não apenas podem mas devem variar de espaço tempo a espaço tempo. A ontológica necessidade da educação, da formação a que a Cidade, que se torna educativa em função desta mesma necessidade, se obriga a responder, esta é universal. A forma como esta necessidade de saber, de aprender, de ensinar é atendida é que não é universal. A curiosidade, a necessidade de saber são universais, repitamos, a resposta é histórica, político-ideológica, cultural.

Por isso é que é importante afirmar que não basta reconhecer que a Cidade é educativa, independentemente de nosso querer ou de nosso desejo. A Cidade se faz educativa pela necessidade de educar, de aprender, de ensinar, de conhecer, de criar, de sonhar, de imaginar de que todos nós, mulheres e homens, impregnamos seus campos, suas montanhas, seus vales, seus rios, impregnamos suas ruas, suas praças, suas fontes, suas casas, seus edifícios, deixando em tudo o selo de certo tempo, o estilo, o gosto de certa época. A Cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita, que lhe damos. A Cidade somos nós e nós somos a Cidade. Mas não podemos esquecer de que o que somos guarda algo que foi e que nos chega pela continuidade histórica de que não podemos escapar, mas sobre que podemos trabalhar, e pelas marcas culturais que herdamos. (FREIRE, 2001, p. 13).

As cinco atividades que constituem o repertório do Projeto de Extensão ABC do Habitar receberam os nomes de *Urbamexendo*, que trabalha com a psicomotricidade, *Baguncidade*, que trabalha com o pensamento bissociativo, *Dominão do tempo*, que trabalha com a memória social, *Óculos mágicos*, que trabalha com a observação criativa e, finalmente, *História aleatória*, que trabalha com narrativas compartilhadas sobre a cidade. Essa última será objeto do presente artigo, para o que, transcrevemos seu planejamento a seguir. As demais atividades planejadas serão objeto de outras possíveis publicações.

3. Estudo de caso

Atividade: *História Aleatória*

Disciplinas afins: Geografia, Artes, Literatura (6º ano).

Descrição: As palavras têm importante ligação com a comunicação e a linguagem. Partindo da ideia de que a ordem emerge do caos de forma dialética e dialógica, os alunos do sexto ano fazem uma chuva de ideias sobre a cidade e é produzida uma lista de palavras. Depois, cada aluno recebe uma dessas palavras e deve formular frases subsequentes e interligadas, da forma mais coerente possível, contendo-as. Ao fim, tem-se uma “história aleatória”, que narra uma passagem da vida urbana cotidiana, contendo a riqueza poética que a aleatoriedade dos eventos urbanos pode proporcionar. Após ser produzido, os grupos de crianças representam, através de desenho, em tempo determinado e cronometrado (para estimular o gesto espontâneo), sínteses de suas contribuições ao texto. Por fim, os desenhos serão colocados em sequência e começará uma conversa sobre como a visão pessoal difere para cada pessoa, pois cada uma experimenta sua parte na história geral de uma forma diferente. O exercício estimula a compreensão de que a cidade deve ser cenário acolhedor para as diferentes estratégias de condução da vida pessoal, em harmonia com os objetivos políticos declarados pela sociedade.

Tempo necessário: 2 períodos/ 2 horas-aula.

Num primeiro momento, podemos identificar na opção pelas palavras emergirem de uma “chuva de ideias sobre a cidade”, mediada pelos bolsistas e voluntários do projeto, uma estratégia em acordo com a concepção de ser humano defendida por Paulo Freire em seu artigo *A ação cultural para a libertação*, de 1969, em contraste com o modelo “bancário”, criticado pelo autor, no qual o educando seria mero depósito de palavras e expressões pensadas pelo educador:

Imersos no tempo, em seu mover-se no mundo, os animais não assumem como presenças nele; não optam, no sentido rigoroso da expressão, nem valoram. Seres históricos, inseridos no tempo e não imersos nele, os seres humanos se movem no mundo, capazes de optar, de decidir, de valorar. Tem o sentido do projeto, em contraste com os outros animais, mesmo quando esses vão mais além de uma rotina puramente instintiva.

Daí que a ação humana, ingênua ou crítica, envolva finalidades, sem o que não seria práxis, ainda que fosse orientação no mundo. E não sendo práxis seria ação que ignoraria seu próprio processo e seus objetivos.

A relação entre a consciência do projeto proposto e o processo pelo qual se busca sua concretização é a base da ação planificada dos seres humanos,

que implica em métodos, objetivos e opções de valor. (FREIRE, 1981, p. 35).

Já o momento em que as crianças criam e perfilam suas frases, encaixando nelas a palavra sugerida por um colega, ao acaso, dá a exata dimensão de sua contribuição ao todo de uma cidade. A história completa atrai mais pelo exercício democrático de construí-la, do que pelo prazer egóico de possuí-la, exigindo para essa percepção tão somente a tolerância “urbana”, de quem começa a aprender o jogo dialógico das cidades educativas:

O respeito mútuo que as pessoas se têm nas ruas, nas lojas. O respeito às coisas, o zelo com que se tratam os objetos públicos, os muros das casas, a disciplina nos horários. A maneira como a Cidade é tratada por seus habitantes, por seus governantes. A Cidade somos nós também, nossa cultura, que, gestando-se nela, no corpo de suas tradições, nos faz e nos refaz. Perfilamos a Cidade e por ela somos perfilados.

(...)

Um outro sonho fundamental que se deveria incorporar aos ensinamentos das Cidades educativas é o do direito que temos, numa verdadeira democracia, de ser diferentes e, por isso mesmo que um direito, o seu alongamento ao direito de ser respeitados na diferença.

As Cidades educativas devem ensinar a seus filhos e aos filhos de outras Cidades que as visitam que não precisamos esconder a nossa condição de judeus, de árabes, de alemães, de suecos, de norte-americanos, de brasileiros, de africanos, de latino-americanos de origem hispânica, de indígenas não importa de onde, de negros, de louros, de homossexuais, de crentes, de ateus, de progressistas, de conservadores, para gozar de respeito e de atenção. (FREIRE, 2001, p. 14).

A atividade *História aleatória* foi realizada em três turmas de sexto ano e seus resultados estão sendo analisados. Os desenhos darão origem ainda a um filme (slides animados), tendo ao fundo a narração da história pelos seus autores. A primeira história realizada, ainda no início do ano de 2015, é transcrita a seguir:

Caminha, cansa, anda, sua na rua
Até chegar na escola, na minha cidade
Onde tem vários campos de futebol
Depois volto para o bairro
Voltando pela calçada quebrada pelo vandalismo
Fizeram um projeto para acabar com isso
Para não só caminhar, mas também brincar nas calçadas
Com as ruas menos movimentadas pelos automóveis,
Para podermos atravessar a rua,
Chegar no prédio, ir no quarto e descansar
Para o nosso bem viver.
A menina adora passear, e durante o passeio
Achou muitas rachaduras nas paredes, e
Para isso melhorar começou a pintar!

Para uma análise mais detida de suas propriedades está sendo realizado um trabalho de avaliação dos contextos de produção, a compilação das opiniões das crianças a seu respeito, a apreciação coletiva do filme, atualmente em fase de edição, e a comparação dos produtos finais com as diferentes turmas. Da mesma forma, o processo desenvolvido nas outras quatro atividades do Projeto devem ser integrados para uma melhor apreciação do conjunto.

4. Considerações finais

Até o presente momento, pela receptividade da comunidade escolar e o entusiasmo dos agentes envolvidos, o Projeto parece ter fôlego para sua continuidade e aperfeiçoamento, inserindo-se de forma complementar com outros projetos de extensão e pesquisa nas áreas de educação urbana e territórios de aprendizagem, por exemplo. Em todos os casos, a orientação teórica baseada em Paulo Freire aponta para possibilidades bastante promissoras.

Referências:

- FERRARI, Celson. **Curso de planejamento municipal integrado: urbanismo**. 7. ed. São Paulo, SP: Pioneira, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação: Ensaio**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HALL, Peter. **Cidades do amanhã**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- HOWARD, Ebenezer. **Cidades-jardins de Amanhã**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- PERRY, Clarence Arthur. **Housing for machine age**. New York: Russell Sage Foundation, 1939.